



## O mar na obra de Tomasi di Lampedusa: ponte entre o real e o fantástico

The sea in Tomasi di Lampedusa's work: a bridge between the real and the fantastic

Fabiano Dalla Bona<sup>1</sup>

**Resumo:** Embora nascido à beira-mar, Tomasi di Lampedusa, assim como tantos outros escritores sicilianos, pouco fala do mar. Todavia esse mesmo mar é exatamente aquela ponte que une o mundo real ao mundo fantástico na narrativa lampedusiana e elemento crucial na descrição da paisagem siciliana.

**Palavras-chave:** Tomasi di Lampedusa; Sicília; paisagem; mar.

**Abstract:** Although born by the sea, Tomasi di Lampedusa, like so many other Sicilian writers, speaks little about the sea. However this same sea is exactly that bridge that links the real world to the fantasy world in Lampedusa's narrative, and a crucial element to describe the Sicilian landscape.

**Keywords:** Tomasi di Lampedusa; Sicily; landscape; sea.

O mar, elemento misterioso e fascinante que todos amamos, foi, desde os albores da civilização, um dos *topos* mais utilizados na literatura. Nas primeiras obras que nos foram legadas, o mar é o instrumento de cólera divina para punir a humanidade por seus pecados, e, ao mesmo tempo, para consentir aos homens a purificação através de um processo de regeneração: falamos do mito do dilúvio universal, presente em todas as civilizações mais antigas, e as lendas conhecidas a esse respeito superam as quinhentas versões.

De instrumento divino de punição, o mar torna-se, nos textos canônicos da cultura mediterrânea, o obstáculo que os heróis devem superar para atingir as suas metas: a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, as *Argonáuticas* de Apolônio. Na *Odisseia*, em particular, o mar representa a insídia, a incógnita, a surpresa que de um momento para outro pode chegar e interromper a nossa viagem. Mas se os perigos vêm do mar, dele também vem a possibilidade de conhecimento. Dante Alighieri nos ensina que não é preciso superar os limites do conhecimento humano impostos pelos Deuses. E sabe-o bem o poeta florentino que condena Ulisses na oitava bólgia do Inferno da *Divina Comédia*.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Italiana, professor de Língua e Literatura Italiana no Departamento de Letras Neolatinas e no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Mas Dante não consegue reprovar totalmente o herói grego, porque a viagem de Ulisses por mar é a metáfora da viagem de todo o mundo ocidental em direção ao conhecimento. No fundo, o Ulisses dantesco é a expressão de toda uma civilização que quer evoluir. Célebre é o verso “*Fatti non foste a viver come bruti, ma per seguir virtute e conoscenza*” - Não fostes feitos para viver quais brutos, mas pra buscar virtude e sapiência - (ALIGHIERI, 1998, p. 179) com o qual Ulisses incita os companheiros de aventura a superar os confins conhecidos.

Mas falemos do mar siciliano. A quem se aproxime por mar das costas da Sicília, esparsas ou distendidas sobre o Tirreno, sobre o mar da África ou sobre o Jônico, a cada milha alcançada, à medida que os platôs e promontórios vão se levantando sobre o horizonte, admira com atenção aquele mar que se precipita em abismos e barrancos ou se placa com leve inclinação sobre amplas zonas de litoral pedregoso ou arenoso; a ilha aparece mais acidentada do que o previsto, com seu dorso acentuado por cadeias montanhosas que fazem de séquito ao maior e mais ativo vulcão da Europa, surgido, improvisamente, das águas: o monte Etna. Os três cabos Lilibeo, Peloro e Correnti, que coincidem com os vértices do triângulo que lhe valeu o nome de *Trinacria*, linha divisória do mar e do céu, fazem parecer ainda mais amplos os golfos, as baías, as praias e ainda mais profundas as enseadas, entrantes e desfiladeiros surgidos pela lenta erosão de antigos edifícios vulcânicos que só é possível se alcançar com pequenas embarcações.

Se se chega por mar, suspeita-se ter alcançado um continente (e na verdade, muito tempo e árduas explorações foram necessários aos seus primeiros habitantes até chegar à surpreendente descoberta de que se encontravam em uma ilha, e ainda mais para intuir a sua forma), um continente que escolheu transformar os seus visitantes colocando entre eles e o resto da Itália uma nesga de mar de apenas três quilômetros. Lembrado a antológica afirmação de Fernand Braudel (2010, p. 157), “a Sicília é um continente em miniatura”.

A beleza mitológica da ilha é exaltada por Borgese que a compara à Islândia:

Como os Germanos entre os fogos e os gelos da misteriosa Islândia, assim os Gregos colocaram nessa terra grandiosa, já incumbente com uma sua particular sublimidade sobre a geografia da Odisseia, alguns dentre os temas mais patéticos e terríveis da religião deles, e aquela religião, aqueles mitos, tornaram-se sicilianos. [...] O belíssimo vulcão, sob o qual repousavam os derrotados titãs, foi uma espécie de Olimpo infernal, romântico. [...] De uma beleza particular

talvez comparável apenas àquela de Olímpia, no Peloponeso. (BORGES, 1992, p. 47)<sup>2</sup>

A simplificação lógica à categoria de ilha deu à Sicília, percebida na sua multiforme fisionomia ou sublimada na representação literária, a imagem amplamente partilhada e ansiosamente buscada da *diversidade*. Na tensão dialética entre ser e parecer, a Sicília, terra de ancestrais contradições e de extravagantes antinomias, promoveu a si mesma um jogo irônico mirado a destacar, ou quem saber burlar, as leis do espaço entendido na sua duplicidade: de espaço conceitual e espaço perceptivo.

De fato, Frisone esclarece que

a insularidade da Sicília – categoria literária, antropológica e “do espírito”, ou simplesmente metáfora de mais ou menos concretos fatores de identidade ou de isolamento, é hoje, antes de tudo, um dado geográfico objetivo. [...] A Sicília encontra conotada a sua peculiaridade regional em ser ilha, nos seus limites assinalados pelo mar; uma afirmação inclusive lapalissiana para nós, instruídos na geografia e nos mapas e, inclusive, enfim habituados às imagens que reproduzem a “forma” e a posição recíproca dos continentes e das suas áreas periféricas num horizonte planetário seguro. (FRISONE, 2009, p. 150)<sup>3</sup>

Embora a Sicília seja uma ilha, a maior do Mediterrâneo, e “o Mediterrâneo é, como o nome indica, um mar entre terras, uma profunda chanfradura que articula as três partes do Velho Mundo. Mas, mais exatamente que um mar entre terras, é ‘um mar entre montanhas’” (RIBEIRO, 1987, p. 42), o mar e as paisagens marinhas são pouco descritas por Giuseppe Tomasi di Lampedusa. Não obstante ele tenha nascido em Palermo, cidade a beira-mar, e cujo nome arcaico era *Panormus*, e Morso aponta que

<sup>2</sup> Come i Germani tra i fuochi e i ghiacci della misteriosa Islanda, così i Greci posero in questa terra grandiosa, già imcombente con una sua particolare sublimità sulla geografia dell’Odissea, alcuni tra i temi più patetici e terribili della loro religione, e quella religione, quei miti, divennero siciliani. [...] Il bellissimo vulcano, sotto cui giacevano i titani sconfitti, fu una specie di Olimpo infernale, romantico. [...] Di una particolare bellezza forse paragonabile soltanto a quella di Olimpia in Pelopopneso.

<sup>3</sup> L’insularità della Sicilia – categoria letteraria, antropologica e “dello spirito”, o semplicemente metafora più o meno concreti fattori d’identità o d’isolamento, è oggi, prima di tutto, un dato geografico oggettivo. [...] La Sicilia trova connotata la sua peculiarità regionale nell’essere isola, nei suoi limiti segnati dal mare: un’affermazione addirittura lapalissiana per noi, instruiti alla geografia e alle carte e anzi, ormai assuefatti alle immagini che riproducono la ‘forma’ e la posizione reciproca dei continenti e delle loro aree periferiche in un sicuro orizzonte planetario.

Callia Siracusano no oitavo livro das gestas de Agátocles, assim como referem Dionísio de Halicarnasso no 1º e Ateneu no livro 12º, escreveu que Palermo, pela fertilidade e cultura do seu solo era chamada toda um jardim. Esta expressão de Callia fez Fazello crer que Palermo queira também significar, na sua etimologia, todo um horto, mas ele se engana a respeito. A denominação de Palermo é grega e não pode ter outro significado senão todo um porto. [...] Diodoro da Sicília assere que Palermo tomou tal denominação graças à beleza e segurança de seu porto. (MORSO, 1827, p. 2-3)<sup>4</sup>,

o escritor siciliano pouco fala do mar e das paisagens marinhas. Tal falta de intimidade e proximidade com o mar nos é explicada por uma das vozes mais importantes da ilha, o escritor Leonardo Sciascia. Para ele, o mar

é a perpétua insegurança da Sicília, o infido destino; e por isso mesmo quando é intrinsecamente parte da sua realidade, vida e riqueza cotidiana, o povo raramente o canta ou o assume em um provérbio, em um símbolo; e nas raras vezes sempre com um fundo de medo mais que de surpresa. (SCIASCIA, 2007, p. 227)<sup>5</sup>

E acrescenta:

Mas essa grande ilha do Mediterrâneo, no seu modo de ser, na sua vida, parece toda voltada para o interior, agarrada às planícies e às montanhas, intenta a subtrair-se ao mar e a excluí-lo atrás de uma cortina de alturas ou de muros, para dar-se a ilusão, quanto mais completa é possível, que o mar não exista (se não como ideia

---

<sup>4</sup> Callia siracusano nell'ottavo libro delle gesta di Agatocle, siccome riferiscono Dionigi di Alicarnasso al 1º ed Ateneo al libro 12º, scrisse che Palermo per la fertilità e la coltura del suo suolo era chiamato *tutto un giardino*. Questa espressione di Callia fece credere al Fazello che Palermo voglia anche significare nella sua etimologia *tutto horto*, ma egli s'inganna a partito. La denominazione di palermo è greca e non può non avere altra significazione che *tutto porto*. [...] Diodoro di Sicilia asserisce che Palermo prese la sua denominazione dalla bellezza e sicurezza del suo porto.

<sup>5</sup> È la perpetua insicurezza della Sicilia, l'infido destino; e perciò anche quando è intrinsecamente parte della sua realtà, vita e ricchezza quotidiana, il popolo raramente lo canta o lo assume in un proverbio, in un simbolo; e le rare volte sempre con un fondo di spavento più che di stupore.

reduzida à metáfora nas colheitas de todos os anos), que a Sicília não é uma ilha. (SCIASCIA, 2007, p. 228)<sup>6</sup>

A Sicília com seus 1039 quilômetros de costa, 440 km no mar Tirreno, 312 km no mar da África e 287 km no mar Jônico, e pelo menos quatro grandes cidades à beira-mar, ao contrário de outras regiões italianas, não sediou nenhuma antiga República Marítima (lembremo-nos de Pisa, Amalfi, Gênova e Veneza), não deu os natais a nenhum grande explorador (como Colombo ou Marco Polo) e nenhum grande canto de gestas marítimas. Quem escreveu sobre o mar, entre os escritores sicilianos, fez dele um protagonista de luto, de morte e desventura. Nucifora aponta que “não existe o mar em muitos dos outros grandes escritores sicilianos: apenas acenos, recordações, sensações, que seria difícil enumerar todos, mas que jamais fazem do mar um verdadeiro protagonista, muito menos positivamente, um recurso a ser cantado”. (NUCIFORA, 2009, p. 55)<sup>7</sup>

A explicação para essa pouca intimidade com o mar, sempre na opinião de Nucifora, explica-se porque “os sicilianos no fundo são todos camponeses, assim como o eram os gregos que os colonizaram, e se os eventos e as necessidades por vezes os guiaram em direção a outras ocupações, eles, em seu íntimo, sempre permaneceram camponeses”. (NUCIFORA, 2009, p. 52)<sup>8</sup>

Isso explicaria porque Lampedusa parece ter mais apreço pelas paisagens do interior da ilha do que, exatamente, por aquelas marítimas. Em *Recordações de Infância*, o autor descreve apenas uma vez o mar, e de modo demasiado breve:

Ao contrário da própria Sciacca ou, para dizer melhor, do seu passeio com a vista do mar, ficou-me na cabeça uma imagem fotográfica completa e precisa ao ponto que, quando, dois anos atrás, pela primeira vez voltei a Sciacca após 52 anos, pude facilmente comparara a cena debaixo dos meus olhos com a antiga, cristalizada na mente, constatando o muito que permanecera parecido e algumas diferenças. (LAMPEDUSA, 2001, p. 65)

---

<sup>6</sup> Ma questa grande isola del Mediterraneo, nel suo modo di essere, nella sua vita, sembra tutta rivolta all'interno, aggrappata agli altipiani e alle montagne, intenta a sottrarsi ao mare e ad escluderlo dietro un sipario di alture e di mura, per darsi l'illusione quanto più è possibile completa che il mare non esista (se non come idea calata in metafora nelle messi di ogni anno), che la Sicilia non è un'isola.

<sup>7</sup> Non c'è mare in molti degli altri grandi scrittori sicilianici: solo accenni, ricordi, sensazioni che sarebbe difficile elencarli tutti, ma che non fanno mai del mare un vero protagonista, tanto meno in positivo, una risorsa da cantare.

<sup>8</sup> I sicilianici sono in fondo tutti contadini, così come lo erano i greci che li hanno colonizzati, e se gli eventi o le necessità li hanno a volte guidati verso altri mestieri, loro dentro, sempre contadini sono rimasti.

Já n’*O Leopardo*, aparece representado poucas vezes mais. No Capítulo I, após o diálogo com o sobrinho Tancredi e a conseqüente partida do jovem para juntar-se ao exército garibaldino, o protagonista vai até o seu observatório, e dali, absorto em abstrações, contempla a paisagem da sua Sicília através da janela: “a paisagem exhibia todas as suas belezas. Sob o fermento de um sol intenso, todas as coisas pareciam perder o peso: o mar, ao fundo, era uma mancha de pura cor”. (LAMPEDUSA, 1979, p. 50)

Mais tarde, no Capítulo VII, cujo fulcro da narrativa é a morte do Príncipe de Salina, o mar de Palermo é descrito, como uma moldura para a cena da morte do aristocrata iluminada pelo sol abrasador da ilha:

Na varanda do Hotel Trinacria, sentado numa poltrona, as suas pernas muito compridas enroladas num cobertor, ele sentia que a vida lhe fugia em ondas, imensas, umas após outras, com um fragor espiritual comparável à cachoeira do Reno. Estavam numa segunda-feira de julho, era meio dia e o mar de Palermo, compacto, oleoso, inerte, estendia-se à sua frente, inverossimilmente imóvel, agachado como um cão que se esforça por tornar-se invisível às ameaças do dono; em vão: o sol imóvel e perpendicular, lá estava, sobranceiro, especado, de pernas afastadas, a fustigá-lo impiedosamente. O silêncio era absoluto. (LAMPEDUSA, 1979, p. 243-244)

E mais adiante: “Mandou abrir as persianas: o hotel estava na sombra, mas a luz, refletida por um mar metálico, cegava”. (LAMPEDUSA, 1979, p. 248)

Percebemos nos trechos acima, que o mar está sempre aliado à intensa luz local e àquele sentido de imobilidade, tônica de todo o romance. As imagens marítimas parecem também elas petrificadas, metalizadas, ademais, como todo o restante da ilha. O mar descrito pelo autor, embora luminoso, parece tão ou mais mineral e mais infecundo que a própria terra castigada pela violência do sol.

Nos últimos dois anos de vida, entre 1955 e 1957, o autor redigiu não apenas os oito capítulos d’*O Leopardo*, mas também três contos (*A Alegria e a Lei*, *A Sereia* e *Os Gatinhos Cegos*) além das *Recordações de Infância*.

Mas é no conto *A Sereia*, por óbvios motivos, que Lampedusa não economiza descrições do mar. Não o mar da sua Palermo natal, embora um breve aceno seja feito

ao golfo de Castellamare, não muito distante da capital siciliana, “quando as estrelas se espelham no mar adormecido e o espírito de quem está deitado de costas entre os lentiscos se perde no turbilhão do céu”. (LAMPEDUSA, 2001, p. 87) Ele nos apresenta inicialmente, um mar genérico, aquele Mediterrâneo, aquele *mare nostrum*, dos diversos nomes locais e que circunda a ilha: “O mar, o mar da Sicília, é o mais colorido, o mais romântico de todos que vi”. (LAMPEDUSA, 2001, p.88)

Ele fala do mar que banha a cidadezinha de Augusta na província de Siracusa. Segundo notícias biográficas, o conto, inicialmente intitulado *Lighea*, o nome da sereia, por desejo da viúva de Giuseppe Tomasi, foi escrito após uma viagem pela costa meridional da ilha. Trata-se de uma fábula, onde real e surreal se misturam, e cujo personagem principal é o professor Rosario La Ciura, senador da República, siciliano de nascimento e residente em Turim há muitos anos. Casualmente ocorre um encontro entre o senador e o jovem jornalista Paolo Corbèra de Salina, esse último também siciliano, num dos tantos cafés da cidade, nascendo desse encontro uma grande amizade.

La Ciura, quando jovem, refugiou-se na casa de um amigo, justamente em Augusta, para escapar “daquele verão de 1887, que foi infernal” (LAMPEDUSA, 2001, p. 100) enquanto preparava-se para o concurso de professor de grego para a Universidade de Pavia. “Na minha frente, uma pura extensão de mar e, no fundo, o Etna não mais desapiadado, envolvido nos vapores matinais. O lugar era inteiramente deserto, como você bem disse que ainda é, de uma beleza única”. (LAMPEDUSA, 2001, p. 100) Circundado pelas belezas da paisagem, obnubilada a mente pelo estudo e pelo calor, ao amanhecer de um dia, a bordo de um barquinho, o senador vê uma sereia despontando do mar. Era *Lighea*, filha de Calíope, e que permanecerá como sua amante e a quem ele promete alcançar nos abismos marinhos após uma tempestade de fim de verão, quando ele terá cansado de viver.

De fato, Paolo Corbèra já havia falado de Augusta e de sua costa anteriormente com o senador. A Sicília – Éden evocado por um Hades – é apostrofada como terra de mito. Ele descrevia, de fato, que Augusta é

o lugar mais bonito da Sicília, por sorte, ainda não descoberto pelos farofeiros. A costa é selvagem, não é verdade Senador? Completamente deserta, não se vê uma casa. O mar é da cor dos pavões. E em frente, além dessas ondas cambiantes, levanta-se o Etna. [...] É um daqueles lugares onde se vê um aspecto eterno

daquela ilha que tão estupidamente virou as costas à sua vocação de servir de pasto ao rebanho do sol. (LAMPEDUSA, 2001, p. 96-97)

O mar é o local de encontro privilegiado com o ser mitológico, demonstrando seu estatuto de ponte entre o mundo real e o mundo fantástico, onde *Lighea* habita em seu “cego e mudo palácio de águas sem forma, eternas, sem esplendores nem sussurros” (LAMPEDUSA, 2001, p. 106).

Da mesma forma observada em outras obras, no referido conto, o binômio sol e mar também se faz presente, como na citação acima, mas principalmente quando ele indica que “o sol, perdida a sua garra de algoz, limitava-se a ser um risonho doador de energia, apesar de violento. E também um feiticeiro que emoldurava diamantes instáveis em cada uma das leves ondas do mar”. (LAMPEDUSA, 2001, p. 100)

Percebemos, também, que o mar incorpora as características mitológicas ligadas à ilha:

Lembro que quiseram me acompanhar de carro de Catania até Siracusa. Aceitei apenas quando soube que perto de Augusta a estrada passa longe do mar, enquanto a ferrovia corre perto do litoral. Conte-me da nossa ilha. É uma terra linda, apesar de ser povoada por burros. Os deuses ali moraram e talvez nos infundáveis agostos ainda morem. (LAMPEDUSA, 2001, p. 87)

Concordamos com a posição de Di Donato, ao afirmar que “é preciso compreender o mar de Homero no único modo possível que é fazendo dele uma experiência direta” (DI DONATO, 2010, p. 26), para entender, inclusive, porque o professor La Ciura decide jogar-se ao mar “do convés do Rex navegando rumo a Nápoles e, embora imediatamente procurado pelos barcos salva-vidas, o corpo não fora encontrado”. (LAMPEDUSA, 2001, p. 109) La Ciura mergulha no mar ao encontro da experiência amorosa da sua juventude rumo ao mundo subáqueo habitado por *Lighea*; a jovem mulher-peixe exalava “um cheiro mágico de mar, de volúpia adolescente” e cuja voz “um pouco gutural, velada, ressonante de harmônicas inumeráveis” onde “percebiam-se as ressacas preguiçosas dos mares do verão, o roçar das últimas espumas da praia, a passagem dos ventos sobre as ondas do mar” (LAMPEDUSA, 2001, p. 103).

Percebemos nesse episódio uma espécie de restituição à leitura essencial de Homero no que se refere ao mito das sereias que tentaram o herói Ulisses no Canto XII da *Odisseia*. Vale lembrar que Ulisses atravessou, segundo o relato de Homero, o estreito



de Messina, aquela faixa de mar que separa a Sicília do continente, e ali se deparou com Cila e Caríbdis, dois seres mitológicos marinhos:

É come se, navegando entre Cila e Caríbdis, aflorassem duas sereias do sulco do navio e nos tentassem com duas lisonjas contrárias: uma celeste, que fala de jasmims da Arábia, alegria de lua, praias semelhantes à bochechas douradas; a outra escura, infernal, com meios-dias cegos a pico sobre os terraços e sangue que se enxuga devagar aos pés de uma velha oliveira. (BUFALINO ; ZAGO, 1993, p. 73)<sup>9</sup>

Aquele mar mitológico e ameaçador é mais uma vez descrito pelo senador ao narrar a despedida da sereia após os dias que juntos passaram:

Esta [a tempestade] investiu-nos no alvorecer do dia vinte e seis. Do rochedo vimos o aproximar-se do vento que perturbava as águas longínquas, e mais perto, os plúmbeos vagalhões, vastos e preguiçosos, enchiam-se. Logo alcançou-nos a rajada, assobiou nos ouvidos, dobrou o alecrim já ressecado. O mar, embaixo, rompeu-se, a primeira vaga avançou coberta de alvura. “Adeus, Sasá. Você não vai esquecer”. O vagalhão quebrou-se na pedra, a Sereia jogou-se no jorro irisado. Não a vi mergulhar. Pareceu desfazer-se na espuma. (LAMPEDUSA, 2001, p. 108)

É oportuno traçar aqui um paralelo com *O Leopardo*. No romance, o céu estrelado, e no conto o mar, constituem a feição visível do mundo *post mortem*. Nas duas obras, é uma figura feminina que conduz o protagonista do mundo real ao mundo fantástico, ou ao reino dos mortos. A relação com aquele reino, em ambos os escritos, é cultivada em vida pelos protagonistas: o príncipe Fabrizio Salina é astrônomo e contempla as estrelas, e o senador Rosario La Ciura é um classicista, e as ondas do mar favorecem os seus estudos. Se n’*O Leopardo* as referências explícitas à mitologia estão presentes nas descrições das paredes e dos tetos afrescados da casa principesca, em *Lighea*, é a

---

<sup>9</sup> È come se, navigando fra Scilla e Cariddi, sul solco della nave due sirene affiorassero e ci tentassero con due lusinghe contrarie: una celeste, che parla di gelsomini d’Arabia, letizia di luna, spiagge simili a guance dorate; l’altra scura, infera, con mezzogiorni ciechi a picco sulle terrazze e sangue che s’asciuga adagio ai piedi di un vecchio ulivo.

paisagem siciliana que a envolve desde as primeiras evocações, por uma aura mitológica. A mitologia e o estudo dos clássicos, bem como a astronomia, criam uma conexão entre o mundo dos vivos e o além-túmulo: Salina e La Ciura estão ligados ao desconhecido. Céu e mar, não importa, a paisagem siciliana parece ser o último baluarte do mundo real que cede àquele fantástico. Mas céu e mar são dimensões alternativas, do estudo e da contemplação, da introspecção dos protagonistas, e único refúgio eterno em virtude da aparição, ou melhor, da revelação de uma criatura feminina, misto de realidade e imaginação. *Lighea* e *Vênus*, a sereia e a estrela, aparecidas inadvertidamente uma primeira vez na vida de Salina e de La Ciura, constituem uma espécie de revelação, serão o trâmite, o elo de ligação com o além-túmulo, dimensão que se revela já cortejada em vida tanto no romance quanto no conto.

Inevitavelmente, convocamos Giovanni Verga. Em uma de suas novelas veristas, *Di là del mare*, que encerra o volume das *Novelle Rusticane*, é quase um riepílogo dos temas tratados em todo o livro. Verga imagina voltar para a sua Sicília na companhia da mulher amada. E é um melancólico retorno após uma breve estação amorosa na fulgurante luz da Riviera di Chiaia, em Nápoles, na qual os dois estão para dizer adeus. Ela voltará à sua vida monótona, ele ficará sozinho. É um percurso biográfico que, se mesmo sendo julgado de baixo valor literário, explica o sentido agudo de destaque e de retorno no escritor: de fato ele narra os amores mundanos que ele mesmo vive, e o faz com uma força tal a arrastar o leitor atrás de si, porque a todos é dado um modo de poder sonhar:

A Sicília surgia como uma nuvem no fundo do horizonte. Depois, de repente, o Etna se acendeu em ouro e em rubis, e a costa esbranquiçada se dilacerou em baías e promontórios. À esquerda a Calábria, à direita a ponta arenosa do farol, Caríbdis que alonga os braços em direção à Sicília rochosa e altera. Depois, nas longas linhas da costa que pareciam unidas, abriu-se o Estreito, como um rio azul. (VERGA, 2004, p. 262) <sup>10</sup>

Entendemos que o Mediterrâneo é o mar dos literatos italianos, em especial do acima citado Giovanni Verga, e é a metáfora de uma inelutável negação e não o símbolo da fuga ou da esperança (FEDI, 2006, p. 253). Sacco aponta que Verga interpreta a

---

<sup>10</sup> La Sicilia sorgeva come una nube in fondo all'orizzonte. Poi l'Etna si accese tutt'a un tratto d'oro e di rubini, e la costa bianchiccia si squarciò in seni e in promontori oscuri. A sinistra la Calabria, a destra la punta del faro sabbiosa, Cariddi, che allunga le braccia bianche verso Scilla rocciosa ed altera. Poi, nella lunga linea della costa che sembrava unita, si aperse lo Stretto come un fiume azzurro.

aguda clarividência da vocação rural, muito mais que marítima da Sicília: para ele, a vida do interior da ilha, e não aquela da costa é que dá a marca da literatura siciliana, “que vive a sua condição de lugar circundado pela água olhando para a terra como uma dimensão fechada”. (SACCO, 2006, p. 690). Mas é também o mar que Fabrizio Salina, protagonista do romance de Lampedusa contempla antes de falecer, onde ele estava “só, náufrago à deriva numa jangada à mercê de correntes indomáveis” (LAMPEDUSA, 1979, p. 249).

## Bibliografia

ALIGHIERI, Dante. Inferno. In: \_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Trad. Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34.

BORGESSE, Giuseppe Antonio. *Una Sicilia senza aranci*. Cava de' Tirreni: Avagliano, 2005.

BRAUDEL, Fernand. *Civiltà e imperi del Mediterraneo nell'età di Filippo II*. Trad. Carlo Pischeffa. Vol. I. Torino: Einaudi, 2010.

BUFALINO, Gesualdo ; ZAGO, Nunzio. *Cento Sicilie: testimonianze per un ritratto*. Firenze: La Nuova Italia, 1993.

DI DONATO, Riccardo. Dell'acqua colore di vino : il mare da Omero a Erodoto. In: AMENDOLA, Stefano; VOLPE, Paola. *Il mare e il mito*. Napoli: M. D'Auria Editrice, 2010, p. 23-38.

FEDI, Roberto. Mare crudele. In: *La letteratura del mare*. Atti del Convegno. Napoli, 13-16 settembre 2004. Roma: Salerno Editore, 2006, p. 245-288.

FRISONE, Flavia. L'isola improbabile: l'insularità della Sicilia nella concezione greca di età arcaica e classica. In: AMPOLO, Carmine (org.). *Immagine e immagini della Sicilia e di altre isole nel Mediterraneo antico*. Vol. I. Pisa: Edizioni della Scuola Normale, 2009, p. 149-156.

LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di. *O leopardo*. Trad. Rui Cabeçadas. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os contos*. Trad. Loredana de S. Caprara. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2001, p. 16-72.

MORSO, Salvatore. *Descrizione di Palermo antico ricavata dagli autori sincroni e i monumenti de' tempi*. Palermo: Lorenzo Dato, 1827.

NUCIFORA, Sebastiano. Sul limitare. In: BORTOLOMEI, Cristiana; AMORUSO, Giuseppe. *L'architettura dei fari italiani: Sicilia*. Firenze: Alinea Editore, 2009, p. 49-70.

RIBEIRO, Orlando. *Mediterrâneo: ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SACCO, Michela. La Sicilia non è un'isola. In: In: *La letteratura del mare*. Atti del Convegno. Napoli, 13-16 settembre 2004. Roma: Salerno Editore, 2006, p. 688-704.

SCIASCIA, Leonardo. Rapporto sulle coste siciliane. In: \_\_\_\_\_. *La corda pazza*. 2ª edizione. Milano: Adelphi, 2007, p, 229 – 240.

VERGA, Giovanni. Di là del mare. In: \_\_\_\_\_. *Novelle*. 6ª edizione. Milano: Feltrinelli, 2004, p. 261-267.